

## JUSSARA INDIAZINHA TAPAJÓ E “FORTINHO”: UMA AVENTURA NO ZOOLOGICO

**Ricardo Santos David**

USP - Universidade de São Paulo.

<http://lattes.cnpq.br/8508122200950572>

<https://orcid.org/0000-0001-5850-0057>

E-mail: [ricardosdavid@hotmail.com.br](mailto:ricardosdavid@hotmail.com.br)

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3-32>

**RESUMO:** A educação desempenha um papel crucial na formação integral dos indivíduos, permitindo-lhes adquirir conhecimentos, habilidades e valores essenciais para uma participação ativa na sociedade. A interação entre os espaços educativos e as vivências cotidianas dos alunos é fundamental para a construção de um aprendizado significativo. Este artigo explora como abordagens pedagógicas são conduzidas no Zoológico de São Paulo, culminando em uma visita ao Restaurante Johnny Rockets Brasil no shopping de São Paulo, onde o tema do perdão é abordado pela professora Suzy. Personagens como Jussara, uma indiazinha tapajó, e “Fortinho”, um personagem de desenho animado, enriquecem a experiência educativa, refletindo vivências de alunos do ensino fundamental e médio. Por meio de uma revisão bibliográfica que analisa as perspectivas e abordagens sobre o tema do perdão na literatura acadêmica. Uma análise de artigos, livros e teses relacionados ao perdão foi realizada onde conclui-se que o perdão é uma habilidade crucial para a formação humana e a resolução de conflitos. A abordagem pedagógica no Zoológico de São Paulo, combinada com a visita ao shopping e lanche, oferece uma oportunidade única para contextualizar o perdão no contexto do ensino fundamental e médio. A combinação de recursos pedagógicos, vivências e interações sociais amplia o alcance do aprendizado, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes capazes de enfrentar os desafios contemporâneos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Integral. Abordagens Pedagógicas. Perdão.

### JUSSARA, THE TAPAJÓ INDIAN GIRL, AND “FORTINHO”: AN ADVENTURE AT THE ZOO

**ABSTRACT:** Education plays a crucial role in the holistic development of individuals, enabling them to acquire knowledge, skills, and essential values for active participation in society. The interaction between educational environments and students' everyday experiences is essential for constructing meaningful learning. This article explores how pedagogical approaches are conducted at São Paulo Zoo, culminating in a visit to Johnny Rockets Brasil Restaurant and shopping malls, where the theme of forgiveness is addressed by Professor Suzy. Characters like Jussara, a Tapajó Indian girl, and "Fortinho," an animated character, enrich the educational experience, reflecting the experiences of elementary and high school students. Through a literature review analyzing perspectives and approaches on the topic of forgiveness in academic literature, an analysis of articles, books, and theses related to forgiveness was carried out, concluding that forgiveness is a crucial skill for human development and conflict resolution. The pedagogical approach at São Paulo Zoo, combined with the shopping and

dining experience, provides a unique opportunity to contextualize forgiveness in the context of elementary and high school education. The combination of educational resources, experiences, and social interactions expands the scope of learning, contributing to the formation of critical and conscious citizens capable of addressing contemporary challenges.

**KEYWORDS:** Integral Education. Pedagogical Approaches. Forgiveness.

## INTRODUÇÃO

A educação é uma ferramenta fundamental para a formação integral dos indivíduos, permitindo-lhes adquirir conhecimentos, habilidades e valores essenciais para uma participação ativa na sociedade. Nesse contexto, a interação entre os espaços educativos e as vivências cotidianas dos alunos desempenha um papel crucial na construção de um aprendizado significativo. O presente artigo propõe-se a explorar como professores conduzem abordagens pedagógicas no Zoológico de São Paulo, em uma jornada que culmina na visita ao Restaurante Johnny Rocktes Brasil e em shopping, durante a qual a professora Suzy trabalha o tema do perdão. O cenário desta aventura é enriquecido pelo personagem “Fortinho”, oriundo dos desenhos animados criados pelo professor Ricardo Santos David, que espelha as experiências de meninos do ensino fundamental e médio.

Jussara, uma indiazinha tapajó, encarna a perspicácia ao deixar sua aldeia em busca de conhecimento na cidade. “Fortinho”, por sua vez, se torna um ícone das histórias em quadrinhos e desenhos animados, representando de maneira autêntica as vivências e desafios que caracterizam a jornada de meninos que trilham os caminhos do ensino fundamental e médio. Dentro desse contexto, a interseção entre a cultura indígena de Jussara as experiências contemporâneas de “fortinho” proporcionam um pano de fundo fascinante para a exploração do tema do perdão.

No ambiente escolar, os professores do ensino fundamental 2 e médio se deparam com a tarefa de aproveitar os recursos pedagógicos disponíveis para promover um aprendizado enriquecedor. A visita ao Zoológico de São Paulo oferece uma oportunidade única para contextualizar os conteúdos curriculares, como língua portuguesa e ciências, por meio da observação dos animais em um ambiente controlado. A interdisciplinaridade se manifesta nas aulas de Cidadania e Temas Transversais, onde questões éticas e sociais

são abordadas, permitindo que os alunos estabeleçam conexões entre o que aprendem na escola e sua relação com o mundo ao seu redor.

A etapa final dessa jornada educativa é marcada pela visita ao Restaurante Johnny Rocktes Brasil no shopping de São Paulo, proporcionando aos alunos uma experiência sensorial e social que complementa sua formação.

É nesse ponto que a professora Suzy se destaca ao abordar o tema do perdão, incitando reflexões sobre relações interpessoais, empatia e resolução de conflitos. A combinação entre o contexto escolar, as vivências no Zoológico e as interações sociais posteriormente amplia o alcance do aprendizado, moldando cidadãos críticos e conscientes.

Portanto, este artigo busca examinar como a aventura de Jussara indiazinha tapajó e “Fortinho”, protagonizada no Zoológico de São Paulo e estendida a espaços sociais diversos, contribui para o entendimento do tema do perdão e sua integração no processo educativo. Ao entrelaçar conhecimentos tradicionais, experiências cotidianas e a imaginação de “Fortinho”, emerge uma narrativa educacional rica e estimulante, que reflete as complexidades da formação de indivíduos capazes de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

## **EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO CURRICULAR: UMA ABORDAGEM INTEGRAL PARA O APRENDIZADO**

A educação integral se apresenta como uma proposta pedagógica que busca englobar todas as dimensões do desenvolvimento humano, integrando os diversos aspectos do conhecimento e da vivência de vida dos alunos (MORAES et al., 2015). Esta perspectiva ressalta a importância do desenvolvimento multidimensional, incluindo não apenas o lado cognitivo, mas também levando em conta as dimensões emocional, social e física do indivíduo.

Através de um currículo integrado, a educação integral possibilita conexões fluidas e significativas entre diferentes áreas de conhecimento (CAVALCANTE; BRANDÃO, 2014). A integração curricular é uma abordagem que estabelece a interconexão do conhecimento, criando uma apresentação dos conteúdos mais interativa

e aplicável ao contexto do aluno (MACHADO, 2011). Dentre os benefícios desta abordagem, estão: maior engajamento dos alunos, melhor compreensão do conteúdo e maior habilidade na aplicação do que foi aprendido na vida cotidiana (SANTOS; MENEZES, 2018).

Ao relacionar o aprendizado com o contexto diário do estudante, a educação integral e a integração curricular enfatizam a relevância do conteúdo, o que aumenta o engajamento e a motivação dos alunos (FERREIRA et al., 2013). Esta conexão com experiências reais faz com que o conhecimento seja mais aplicável, facilitando a transferência do aprendizado para novas situações (SILVA et al., 2016).

A educação integral e a integração curricular propõem uma abordagem inovadora para a educação, valorizando o desenvolvimento global do aluno e reforçando a aplicabilidade do conhecimento no cotidiano (LIBÂNEO, 2012). Com isso, emergem perspectivas capazes de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, tornando o conhecimento mais significativo e conectado aos contextos de vida dos alunos.

## **OS ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS**

Apesar da existência de pesquisas que abordam o impacto dos espaços não formais no processo de ensino de ciências, ainda persiste a ausência de um consenso definitivo entre os pesquisadores dessa área acerca de uma definição unificada que distinga claramente a educação formal da educação não formal.

De acordo com Faria et al., (2011), que estabelece que os espaços educacionais formais correspondem a ambientes submetidos a regulamentações específicas, enquanto os espaços não formais se referem a contextos interativos e coletivamente construídos, onde a participação individual é opcional. Em outras palavras, a educação formal se vincula ao ambiente escolar convencional, enquanto a educação não formal ocorre em locais exteriores à escola, como museus, centros de ciências e zoológicos (GOHN, 2014).

Os espaços considerados como não formais abrangem cenários situados fora das instituições escolares e podem ser classificados em duas categorias: institucionalizados e não institucionalizados. Os espaços institucionalizados compreendem ambientes regulados e supervisionados por equipes técnicas responsáveis pelas atividades

realizadas, incluindo museus, parques ecológicos, institutos de pesquisa, zoológicos, aquários, jardins botânicos, centros de ciências, entre outras instâncias (FARIA et al, 2011).

Os espaços considerados não institucionalizados constituem ambientes desprovidos de uma estrutura formal, incluindo elementos como monitores e instalações sanitárias, embora ainda possam ser utilizados para práticas educativas. Exemplifica-se tal cenário com locais como teatros, parques, residências, ruas, praças, cinemas, praias, cavernas, rios, lagoas e campos de futebol, entre outros.

Dentro dos espaços não formais, a figura do educador pode ser representada por monitores, colegas ou mesmo pelo professor, sendo crucial o planejamento ao adotar esses ambientes para fomentar estudos aprofundados e proporcionar aos alunos conhecimentos e esclarecimentos sobre os temas a serem ensinados. Nesse contexto, os espaços não formais de educação emergem como ferramentas valiosas para promover o desenvolvimento e criar oportunidades para a prática pedagógica em diversos cenários educativos (CHAVES et al., 2016).

Consequentemente, torna-se vantajoso explorar espaços não formais como parte de uma estratégia de ensino, trabalhando em sinergia com outras abordagens para atingir os objetivos propostos. Conforme ressaltado por Lau (2014, p. 36), “a utilização de estratégias diversificadas no processo de ensino é fundamental para despertar a curiosidade e o interesse do aluno, o que leva a uma aprendizagem mais significativa”.

A escola é um ambiente propício para o desenvolvimento do conhecimento científico entre os estudantes. Contudo, a instituição educacional pode se beneficiar de parcerias e colaborações com outros ambientes capazes de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, os espaços não formais representam oportunidades colaborativas que permitem abordar conhecimentos científicos de maneira mais específica e complementar aos ambientes formais (REIS, 2014).

Abordando a inovação e a reestruturação curricular, Castellar (2010) enfatiza a importância do uso pedagógico dos diversos ambientes formais e não formais de aprendizagem disponíveis na escola. O enfoque está na percepção de que os espaços não formais oferecem oportunidades aos alunos para participarem de atividades de



aprendizado, que conectam os conceitos teóricos à realidade, seguindo uma abordagem interdisciplinar. Isso, por sua vez, auxilia os alunos a alcançarem uma compreensão mais aprofundada da realidade.

Nesse contexto, Lau (2014) ressalta que a aquisição de habilidades, competências e a transformação de atitudes não se limita ao ambiente formal de ensino, ou seja, ao ambiente escolar em si.

Pelo contrário, a mudança acontece em espaços além do contexto escolar, o que corrobora a importância dos espaços não formais como complementos valiosos para o desenvolvimento dos alunos.

## **A CIÊNCIA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS**

Diversos estudos conduzidos em contextos não formais evidenciam que esses ambientes educacionais representam estratégias valiosas no processo de ensino e aprendizagem, especialmente no campo das ciências (ROCHA; FACHÍN TÉRAN, 2010; MARANDINO, 2009; ROCHA et al., 2007).

Adicionalmente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998, 2000) recomendam a realização de atividades de campo ou estudo do meio como alternativas para fomentar a observação e a abordagem de questões problemáticas, enquanto desenvolvem habilidades como coleta, registro e análise de dados. Terci e Rossi (2015) percebem que a utilização do ambiente externo ressalta o potencial dos espaços não formais na promoção da educação, enfatizando, sobretudo, o ensino de ciências.

Dessa maneira, o currículo escolar não precisa limitar-se ao ambiente da sala de aula, podendo ser concebido e aplicado em espaços externos, visando ampliar os horizontes dos alunos quanto ao conhecimento em ciências. Essa abordagem contribui para uma aprendizagem mais rica em significado.

Contudo, Queiroz et al. (2011) destacam que:

Todo e qualquer espaço pode ser utilizado para uma prática educativa de grande significação para professores e estudantes. Contudo, antes da prática é necessário construir um planejamento criterioso para atender ambos os objetivos – professores e estudantes. No planejamento, deve-se ter atenção, principalmente, com a segurança dos estudantes neste ambiente, para evitar imprevistos e também saber quais os recursos ali existentes que poderão ser utilizados durante a prática de campo com os estudantes (QUEIROZ et al., 2011, p. 07).

É compreendido, portanto, que os ambientes não formais constituem espaços de ensino distintos, reconhecidos por seu potencial motivador e pela capacidade de ampliar a participação dos alunos na construção e atribuição de significados ao conhecimento. Nessa linha de pensamento, Ribeiro et al. (2011, p. 03) destacam que ‘é desejável que o educador estabeleça um ambiente acolhedor, transmitindo aos alunos um sentimento de inclusão, onde se sintam parte integrante e vejam suas dúvidas e solicitações de auxílio legitimadas’.

Chaves et al. (2016) ressalta a importância de os professores conhecerem, compreenderem e operacionalizarem atividades escolares em diversos ambientes educacionais, a fim de complementar e enriquecer a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem. Terci e Rossi (2015) enfatizam a necessidade de um planejamento cuidadoso das atividades em espaços não formais por parte dos professores, respeitando tanto as expectativas dos alunos quanto suas próprias expectativas profissionais.

A educação em ciências adquire relevância nos espaços não formais, uma vez que direciona-se para a promoção da cidadania, visando ao desenvolvimento dos indivíduos como cidadãos ativos. No entanto, Queiroz et al. (2011) alertam que o ambiente não formal, por si só, não garante a educação científica do estudante, e nem sempre o professor está adequadamente preparado para conduzir atividades significativas em um contexto desse tipo. Isso ressalta a importância de uma revisão nas práticas e estratégias pedagógicas do educador, visando a um ensino mais dinâmico e envolvente.

## METODOLOGIA

A temática do perdão ganha um papel de destaque na educação moral e ética dos indivíduos, pois trabalhar o perdão como uma ferramenta para a resolução de conflitos e para a construção de relações interpessoais saudáveis é de imensa relevância na formação

humana (ENRIGHT, 2012).

Neste panorama, o artigo em questão propõe uma exploração das abordagens pedagógicas que são adotadas por educadores no Zoológico de São Paulo em atividades educacionais. Estas atividades conduzem a uma visita ao Restaurante Johnny Rockets. Durante este percurso, o tema do perdão é trabalhado pela professora Suzy.

A metodologia que norteia este estudo é a revisão bibliográfica. Esta revisão busca a compreensão e análise das diferentes perspectivas e abordagens sobre o tema do perdão, que estão disponíveis na literatura acadêmica.

Durante o estudo, foi realizado um levantamento de artigos, livros e teses que têm como foco o tema do perdão. Em seguida, este estudo se debruçou na análise de pesquisas que contextualizam o tema do perdão no ambiente escolar. Isso permitiu a compreensão das principais teorias e práticas usadas no ensino do perdão.

Assim, é possível verificar que a educação e o entendimento do perdão são fundamentais na formação humana e que a pedagogia utilizada em locais educativos diversificados, como o Zoológico de São Paulo, restaurantes e shoppings, pode ser muito eficaz para a inculcação desta importante habilidade interpessoal.

## RESULTADO

As interações entre pessoas frequentemente se deparam com desentendimentos que podem gerar ressentimentos e sentimentos de injustiça. Em tais situações, a vítima encontra-se diante do desafio de escolher como reagir à ofensa, buscando resolver o conflito e reparar a lesão percebida. Dentre as possíveis estratégias para solucionar conflitos, o ato de perdoar tem se destacado como uma atitude que pode trazer vantagens tanto para a vítima quanto para o ofensor (SCOBIE; SCOBIE, 1998). Estudos apontam que o perdão não apenas contribui para a saúde mental e emocional (KARREMANS; VANLANGE; OUWERKERK; KLUWER, 2003), mas também possibilita a restauração de relações rompidas ou prejudicadas devido à injustiça (ALLEMAND; AMBERG; ZIMPRICH; FINCHAM, 2007).



Na Psicologia, a exploração do perdão é um campo relativamente recente, ganhando maior atenção dos pesquisadores a partir da década de 1980. Uma análise da literatura conduzida por Abreu (2013) revela que os estudos sobre o perdão podem ser categorizados em três focos principais: abordagens individuais, que exploram as conexões entre o perdão e traços de personalidade, estratégias de enfrentamento, espiritualidade, religiosidade e bem-estar; enfoques interpessoais, que investigam a resolução de conflitos, a interação entre indivíduos e as relações interpessoais; e a perspectiva do perdão como uma estratégia terapêutica.

A revisão realizada por Abreu (2013) destaca a existência de pelo menos três principais modelos teóricos em relação ao perdão: o modelo das motivações para o perdão de McCullough (MCCULLOUGH; WORTHINGTON; RACHAL, 1997; MCCULLOUGH et al., 1998), o modelo de componentes do perdão, que abrange empatia, perdão e humildade de Worthington (1998), e o modelo sociocognitivo do perdão de Enright (ENRIGHT; HUMAN DEVELOPMENT STUDY GROUP, 1991; FITTZGIBBONS, 2000). Embora cada autor apresente sua própria perspectiva sobre o processo do perdão e os elementos envolvidos, a definição geral de perdão é amplamente consensual: trata-se de uma escolha voluntária por parte da vítima de reduzir sentimentos, comportamentos e afetos negativos decorrentes da injustiça, permitindo que sentimentos e comportamentos positivos sejam direcionados ao ofensor, sem necessariamente buscar a reconciliação (DENHAM; NEAL; WILSON; PICKERING; BOYATZIS, 2005; ENRIGHT; FREEDMAN; RIQUE, 1998; MCCULLOUGH et al., 1997; SCOBIE; SCOBIE, 2000; WORTHINGTON, 1998).

Dentro desta definição geral, diversos elementos associados à ocorrência e decisão de perdoar podem ser identificados (FEHR; GELFAND; NAG, 2010), como traços de personalidade (por exemplo, MULLET; NETO; RIVIÈRE, 2005), influência religiosa (por exemplo, MAHONEY; RYE; PARGAMENT, 2005), comportamentos do ofensor após a ofensa (PARK; ENRIGHT, 1997), o perdão nas relações familiares (por exemplo, MAIO; THOMAS; FINCHAM; CARNELLEY, 2008), a relação com o desenvolvimento moral (ENRIGHT; SANTOS; AL-MAKUK, 1989), o papel das cognições e emoções no perdão (RIQUE; CAMINO; FORMIGA; MEDEIROS; LUNA, 2010; PINHO;

FALCONE; SARDINHA, 2016), e o perdão como um comportamento pró-social (SCOBIE; SCOBIE, 2000).

Uma área de interesse nos estudos sobre o perdão, com implicações práticas para a promoção de estratégias construtivas de resolução de conflitos, reside na compreensão das concepções que as pessoas têm sobre o perdão e os fatores que influenciam suas decisões de perdoar (MULLET; GIRARD; BAKHSHI, 2004). Estes estudos têm destacado que as concepções sobre o perdão são significativamente influenciadas por fatores culturais (HOOK et al., 2012) e pelas características individuais dos sujeitos (MULLET et al., 2004). Além disso, frequentemente o ato de perdoar está associado à reconciliação (FINCHAM, 2000; FREEDMAN; CHANG, 2010; VAN DER WAL; KARREMANS; CILLESSEN, 2017), a pedidos de desculpas (DARBY; SCHLENKER, 1982; MA; WYLIE; LUO; HE; XU; EVANS, 2018) e ao desejo de anular as consequências da ofensa sofrida (GIRARD; MULLET, 1997; WITVLIET; LUNA, WORTHINGTON; TSANG, 2020).

Dentre os modelos teóricos que abordam o perdão, o modelo de estágios de desenvolvimento do pensamento proposto por Enright et al. (1989) apresenta três estágios iniciais que abrangem desde a infância até o início da adolescência. Esses estágios demonstram uma evolução gradual na concepção do perdão, começando com a compreensão do perdão como uma forma de vingança (primeiro estágio), progredindo para a ideia de restituição ou reparação da ofensa (segundo estágio) e, finalmente, incluindo considerações sobre pressões sociais para perdoar (terceiro estágio). Além disso, Park e Enright (1997) propõem um modelo de desenvolvimento do perdão que descreve três padrões de resposta, que também evoluem com a idade. Esses padrões são definidos por condições, estratégias e manifestações de perdão.

O perdão pode se manifestar como uma reação retaliatória, um padrão externo caracterizado por pressões sociais para perdoar e a supressão de sentimentos negativos, ou como um padrão internalizado, refletindo uma compreensão mais ampla da situação e uma aceitação de sentimentos negativos, possivelmente resultando em benevolência em relação ao ofensor. Da mesma forma, Scobie e Scobie (1998) propõem sete elementos do perdão (cura, restituição/desculpas,

A importância das desculpas como elemento nas concepções de perdão é notável, independentemente da idade das pessoas. Estudos envolvendo crianças e adolescentes têm revelado que, após uma transgressão, o pedido de desculpas pode ser um fator facilitador na decisão de perdoar (por exemplo, ABREU; MOREIRA; RIQUE, 2011). Além disso, uma pesquisa conduzida por Ma et al. (2018) identificou que crianças e adolescentes que recebem um pedido de desculpas após sofrerem ofensas demonstram uma menor propensão a experimentar sentimentos negativos. Em contrapartida, na ausência desse pedido, tal padrão parece não se repetir. Adicionalmente, observou-se que as crianças e adolescentes, ao receberem um pedido de desculpas, tendem a avaliar mais positivamente o ofensor, e a ofensa é percebida como menos intencional, resultando em uma redução nas repercussões negativas (OHBUCHI; SATO, 1994).

Em um estudo clássico, Darby e Schlenker (1982) constataram que os pedidos de desculpas mais elaborados, aqueles que envolvem a admissão de responsabilidade e a demonstração explícita de remorso por parte do ofensor, eram avaliados de maneira mais positiva pelas crianças e adolescentes em comparação aos pedidos mais superficiais, como simplesmente dizer "sinto muito". No entanto, mesmo entre os pedidos de desculpas mais superficiais, as crianças ainda preferiam recebê-los em comparação a não receber nenhum pedido de desculpas, e as crianças mais velhas indicaram um maior desconforto quando o pedido de desculpas estava ausente após a ofensa.

Frequentemente, o pedido de desculpas é visto apenas como uma norma social após ofender alguém, especialmente quando as crianças são ensinadas a pedir desculpas sempre que cometem uma injustiça, mesmo que não compreendam completamente as consequências de suas ações. Nesses casos, o pedido de desculpas pode se tornar quase automático, uma forma de evitar punição, por exemplo. Nesse contexto, estudos têm apontado uma preferência notável de crianças e adolescentes pelo pedido de desculpas espontâneo, uma vez que ele sugere uma preocupação genuína pelos sentimentos da vítima e um verdadeiro arrependimento por parte do ofensor (BANERJEE; BENNET; LUKE; 2010; DRELL; JASWAL, 2016). Por outro lado, o pedido de desculpas "automático" é frequentemente percebido de maneira negativa, indicando um remorso limitado ou inexistente por parte do ofensor (DARBY; SCHLENKER, 1989).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de “Fortinho” desde suas origens de estudante comum, posteriormente personagem nas histórias em quadrinhos até sua ascensão como protagonista de um desenho animado com reconhecimento tanto nacional quanto internacional, reflete a essência vital de unir o aprendizado escolar à experiência do cotidiano. A jornada educativa que envolve Jussara, a indiazinha tapajó, e “Fortinho”, centralizada no ambiente do Zoológico de São Paulo e expandida por meio de vivências em restaurantes e shoppings, não apenas enriquece o crescimento acadêmico e individual dos alunos, mas também promove a compreensão aprofundada do tema do perdão.

A trajetória de “Fortinho”, que parte das vivências comuns de um jovem estudante do ensino fundamental e médio até se tornar uma presença destacada nos meios de comunicação, enfatiza a capacidade da educação em cultivar mentes criativas e preparadas para superar desafios. A assinatura do contrato com um prestigiado canal infantil, tanto em âmbito nacional quanto internacional, não apenas marca o sucesso individual de “Fortinho”, mas também valida a abordagem pedagógica do professor Ricardo Santos David, destacando como a educação pode ser enriquecida por meio da inovação e da integração de elementos culturais diversificados.

Ao serem consideradas as lições extraídas das experiências de Jussara, a indiazinha tapajó, e “Fortinho”, percebe-se a importância de entrelaçar espaços formais e informais de aprendizagem, proporcionando aos alunos oportunidades de aprendizado genuíno e contextualizado.

A exploração do Zoológico de São Paulo, a interação em ambientes sociais e a reflexão sobre o perdão fortalecem a formação de cidadãos críticos, éticos e bem preparados para enfrentar os desafios contemporâneos.

Portanto, a aventura compartilhada por Jussara, a indiazinha tapajó, e Fortinho no Zoológico de São Paulo se revela como um exemplo persuasivo de como a educação pode se unir à imaginação e à vivência para construir um ambiente de aprendizagem estimulante, integral e repleto de significado. Essa jornada não somente enfatiza a relevância do perdão como um tema central, mas também ilustra como a educação pode

ser um catalisador para o crescimento pessoal, a expressão artística e o êxito nas diversas dimensões da vida.

## REFERÊNCIAS

ABREU, L. N. R. G. **O fator perdão: abordagens, modelos teóricos e aplicações em psicologia.** São Paulo: Editora UNESP, 2013.

ALLEMAND, M., AMBERG, I., ZIMPRICH, D.; FINCHAM, F. D. **Forgiveness: A review.** *Journal of Adult Development*, v. 14, p. 155-167, jan. 2007.

CASTELLAR, S. M. V. **Mudanças na prática docente: a aprendizagem em espaços não formais.** Livro itinerarios geográficos en la escuela: lecturas desde la virtualidad. Organizadores: Nubia Moreno Lache; Mario Fernando Hurtado Beltrán. Geopaideia: Colômbia. 2010. 340p. Disponível em: file:///C:/Users/Ivanise/Desktop/ITINERARIOS-GEOGRAFICOS-EN-LA-ESCUELA-LECTURAS-DESDE-LA-VIRTUALIDA. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

CAVALCANTE, K. R.; BRANDÃO, H. A. **Integração curricular e seus desafios: o caso das escolas municipais de Fortaleza.** *Revista e-Curriculum*, Curitiba, v. 12, n. 2, p. 01-24, jan. 2014.

CHAVES. et. al. **A percepção dos professores de uma escola municipal de Boa Vista-Roraima, sobre a utilização dos espaços não formais de ensino na educação infantil.** *Bol. Mus. Int. de Roraima.* ISSN (online): 2317-5206. v 10 (1): 20-27. 2016. Disponível em: em <https://uerr.edu.br/bolmirr/wp-content/uploads/2016/09/BOLMIRR-v101-Chaves-et-al.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

DENHAM, S. A., NEAL, K., WILSON, B., PICKERING, S., & BOYATZIS, C. J. **Emotional development and forgiveness in children.** In: WORTHINGTON JR., E. L. (Ed.). *Handbook of forgiveness.* New York: Brunner-Routledge, jan. 2005.

ENRIGHT, R. D. **O papel do perdão na formação moral e ética dos indivíduos.** In: *Educação e Perdão: aplicações práticas e teóricas.* 01. ed. Nova York: Editora Perdão, 2012.

ENRIGHT, R. D., FREEDMAN, S.; RIQUE, J. **The psychology of interpersonal forgiveness.** In: ENRIGHT, R. D., NORTH, J. (Eds.). *Exploring Forgiveness.* Madison: University of Wisconsin Press, jan. 1998.

FARIA, R. L. JACOBUCI, D. C.; OLIVEIRA, R. C. **Possibilidades de ensino de botânica em um espaço não-formal de educação na percepção de professoras de ciências.** *Revista Ensaio*, v.13, n.01, p.87-104, jan-abr, 2011. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/284684190\\_POSSIBILIDADES\\_DE\\_ENSINO\\_DE\\_BOTANICA\\_EM\\_UM\\_ESPACO\\_NAOFORMAL\\_DE\\_EDUCACAO\\_NA\\_PERCEPCAO\\_DE\\_PROFESSORAS\\_DE\\_CIENCIAS](https://www.researchgate.net/publication/284684190_POSSIBILIDADES_DE_ENSINO_DE_BOTANICA_EM_UM_ESPACO_NAOFORMAL_DE_EDUCACAO_NA_PERCEPCAO_DE_PROFESSORAS_DE_CIENCIAS). Acesso em: 15 de agosto de 2023.

FEHR, R., GELFAND, M. J.; NAG, M. **The road to forgiveness: a meta-analytic synthesis of its situational and dispositional correlates.** *Psychological Bulletin*, v. 136, n. 05, p. 894-914, jan. 2010.



FERREIRA, M. J. F., SANTOS, G. L., PIMENTEL, C. E.; LIMA, R. M. **Educação integral e currículo em movimento**: desenvolvimento e avaliação de proposta potencializando a qualidade na educação. *Revista e-Curriculum*, Curitiba, v. 11, n. 01, p. 2-21, jan. 2013.

FINCHAM, F. D. **The kiss of the porcupines**: From attributing responsibility to forgiving. *Personal Relationships*, v. 07, n. 01, p. 1-23, jan. 2000.

FITZGIBBONS, R. P. **The cognitive and emotive uses of forgiveness in the treatment of anger**. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, v. 37, n. 01, p. 63–72, jan. 2000.

FREEDMAN, S.; CHANG, W. C. **An analysis of a sample of the general population's understanding of forgiveness**: implications for mental health counselors. *Journal of Mental Health Counseling*, v. 32, n. 01, p. 05–34, jan. 2010.

GIRARD, M.; MULLET, E. **Forgiveness in adolescents, young, middle-aged, and older adults**. *Journal of Adult Development*, v. 04, n. 04, p. 209–220, jan. 1997.

GOHN, M. G. **Educação Não-formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos**. *Rev. Investigar em Educação*, n. 01, 2014. Disponível em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

HOOKE, J. N., et al. **Forgiveness as a function of cultural and demographic factors**. *The Counseling Psychologist*, v. 40, n. 03, p. 440–454, jan. 2012.

KARREMANS, J. C., et al. **When forgiving enhances psychological well-being**: The role of interpersonal commitment. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 84, n. 05, p. 1011–1026, jan. 2003.

LAU, P. F. R. **Peripatéticos do século XXI**: ensinando ciências no bosque dos papagaios. Boa Vista: Universidade Estadual de Roraima – UERR, 2014. Disponível em: <https://uerr.edu.br/ppgec/wp-content/uploads/2017/08/DISSERTA%C3%87%C3%83O-2014-PEURIS-FRANK-RODRIGUES-LAU.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

LIBÂNEO, J. C. **A relação entre a educação integral e a escola pública de tempo integral e o currículo escolar**. *Anais do XI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*, Goiânia, GO, p. 1-22, jan. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022011005000001>>. Acessado em: 15 de agosto de 2023.

MACHADO, N. J. **Sobre a ideia de uma escola em tempo integral**. *Revista Educação em Questão*, v. 41, n. 08, p. 164-175, jan. 2011.

MAHONEY, A.; RYE, M. S.; PARGAMENT, K. I. **When the sacred is violated**: preliminary investigations of desecration in romantic relationships. *Research in the Social Scientific Study of Religion*, v. 15, p. 01-34, jan. 2005.

MARANDINO, M. **Museus de ciências, coleções e educação**: relações necessárias. *Museologia e Patrimônio*, v. 02, p. 01-12, 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/63/68>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

- MCCULLOUGH, M. E., et al. **Interpersonal forgiving in close relationships II: theoretical elaboration and measurement.** *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 75, n. 06, p. 1586–1603, jan. 1998.
- MCCULLOUGH, M. E., WORTHINGTON, E. L., JR.; RACHAL, K. C. **Interpersonal forgiving in close relationships.** *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 73, n. 02, p. 321–336, jan. 1997.
- MORAES, M. C. M., SANTOS, L. L. C. P., MONTEIRO, M. O., & PADILHA, M. I. **Educação integral e currículo: práticas interdisciplinares no contexto da escola de tempo integral.** *Revista Educação por Escrito*, v. 06, n. 01, p. 116-130, jan. 2015.
- MULLET, E., GIRARD, M.; BAKHSHI, P. **Conceptualizations of forgiveness and forgivingness among Iranian, Indian, and French adults.** *Asian Journal of Social Psychology*, v. 07, p. 289–306, jan. 2004.
- MULLET, E., NETO, F.; RIVIÈRE, S. **Personality and its effects on resentment, revenge, forgiveness, and self-forgiveness.** In WORTHINGTON JR., E. L. (Ed.). *Handbook of forgiveness*. New York: Brunner-Routledge, jan. 2005.
- PARK, Y. O., & ENRIGHT, R. D. **The development of forgiveness in the context of adolescent friendship conflict in Korea.** *Journal of Adolescence*, v. 20, n. 04, p. 393-406, jan. 2007.
- QUEIROZ, R. M. et al. **A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências.** *Revista Areté*, v. 04, n. 07, p.12-23, 2011. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1579-2.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.
- REIS T. R. **O uso de espaços formais e não formais de educação em estratégias didáticas com enfoque cts.** SINECT. IV Simpósio Nacional de Ciências e Tecnologia, Ponta Grossa-PR de 27 a 29 de novembro de 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/genil/Downloads/01409600992.pdf>. 15 de agosto de 2023.
- RIBEIRO, F.A.; SILVA, I. G.; SILVA, D.F. **Astroquímica – uma oficina temática.** Atas do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), Campinas, SP, Brasil – 05 a 09 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R1543-1.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.
- RIQUE, J., et al. **Representações do perdão em um conflito de natureza transgressora.** *Psico-USF*, v. 15, p. 357-368, jan. 2010.
- ROCHA, V.; LEMOS, E.; SCHALL, V. **A contribuição do Museu da Vida para a educação não formal em saúde e ambiente: uma proposta de produção de indicadores para elaboração de novas atividades educativas.** In: Red Pop Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología em America Latina y el Caribe, 10, 2007, San Jose, Costa Rica. Disponível em: <http://www.cientec.or.cr/pop/2007/BR-VaniaRocha.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.
- SANTOS, L. L. C. P.; MENEZES, E. S. M. **O lugar da interdisciplinaridade na escola de tempo integral.** *Revista Temas em Educação*, v. 27, n. 01, p. 66-81, jan. 2018.

SCOBIE, E. D.; SCOBIE, G. E. W. **Damaging events: the perceived need for forgiveness.** Journal for the Theory of Social Behaviour, v. 28, n. 04, p. 373–401, jan. 1998.

SILVA, M. A., PARRELLO, E. C.; SILVA, R. J. P. **Educação integral e currículo: a relação entre teoria e prática.** Revista Eletrônica de Educação, v. 10, n. 03, p. 09-25, jan. 2016.

TERCI, D. B. L.; ROSSI, A. V. **Dinâmicas de ensino e aprendizagem em espaços não formais.** X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – X ENPECÁguas de Lindóia, SP – 24 a 27 de Novembro de 2015. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/x-enpec/anais2015/resumos/R0977-1.PDF>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

Data de submissão: 05/05/2023. Data de aceite: 08/06/2023. Data de publicação: 12/08/2023.